

## VERDADES DO TEMPO E MÁXIMAS DO SÉCULO: DOIS MANUSCRITOS INÉDITOS DE SOROR MARIA DO CÉU

Algumas palavras de apresentação aos dois textos que agora se divulgam: *Verdades do Tempo e Máximas do século repetidas em doze contos* da autoria da Madre Maria do Céu <sup>1</sup>.

Trata-se de textos que permaneceram inéditos <sup>2</sup>, ao longo dos seus duzentos anos de existência <sup>3</sup>, mas cuja circulação manuscrita lhes assegurou uma difusão provavelmente intensa no seu tempo, a avaliar pelas duas versões (nenhuma delas autógrafa e nenhuma delas

<sup>1</sup> A determinação da correcta autoria destes textos não deixa de ser, no mínimo, melindrosa. De facto, o primeiro contacto que tivemos com as *Verdades do Tempo* foi feito através do Ms. 3141, fl. 31 a 36, da B.G.U.C., que o apresenta atribuído a Soror Violante (sic) do Céu, Religiosa do Mosteiro da Esperança de Lisboa. Neste Mosteiro da Esperança da Ordem de S. Francisco, existiu, efectivamente, uma Soror Violante do Céu, contemporânea da sua homónia dominicana. Todavia, o desconhecimento de talento literário em Soror Violante do Céu do Mosteiro da Esperança levou-nos, num primeiro momento, a supor tratar-se de um texto de Soror Violante do Céu, Religiosa no Convento da Rosa ou de Nossa Senhora do Rosário da mesma cidade — cuja obra literária foi largamente conhecida — e que o engano do copista situara no Mosteiro da Esperança, apesar de o texto em questão apresentar uma forte preocupação doutrinal, um pouco lateral ao conjunto conhecido da obra de Soror Violante do Céu, e que foi específica de uma espiritualidade mais tardia. Posteriormente, o conhecimento do Ms. da Livraria do A.N.T.T., que apresenta o mesmo texto atribuído a Soror Maria do Céu, esclareceu algumas dúvidas: a coincidência do nome de religião (do Céu) e o enorme prestígio literário de que, quer Soror Violante do Céu, quer Soror Maria do Céu gozaram justificou, certamente, a confusão do copista. Parece tratar-se, de facto, de um texto de Soror Maria do Céu, embora o manuscrito da B.G.U.C., além de o atribuir a Violante do Céu, o apresente com uma «assinatura», no final da carta preambular: «Soror Violante do Céu». É difícil pensar que um copista se tenha enganado a copiar uma assinatura... No entanto, uma vez que não se trata do autógrafa de Violante do Céu (que aparece, unicamente, numa carta da autora, que se encontra na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, registada com a cota LVII/1-26, fl. 373 e 373 v.), é legítimo pensar que o copista, levado por uma informação errada quanto à autoria do texto em questão, terá colocado o nome de Soror Violante do Céu, no final da carta, para efeitos de verosimilhança e de coerência dentro do género literário em causa. Pelo facto do manuscrito da Torre do Tombo evidenciar uma organização discursiva provavelmente mais próxima do texto original (sobretudo, como veremos, pelo que diz respeito à adução de títulos objectais, que inscrevem estas obras numa filiação tipológica curiosa) e pelo facto do estilo dos textos em causa estar muito próximo do estilo de Soror Maria do Céu (feitas as devidas ressalvas a quanto de subjectivo, de tendencioso ou de equivocado poderá existir na apreciação estilística de uma obra), somos levados a pensar que a sua atribuição também estará mais conforme à verdade dos factos. Todavia, lidamos apenas com suposições.

<sup>2</sup> Desconhece-se qualquer edição destas *Verdades do Tempo*, se bem que este texto, com toda a probabilidade, tivesse obtido, na corte, uma certa difusão, como o sugere a carta que acompanha os dois textos de Soror Maria do Céu e o leva a supor as afirmações do *Livro da Fundação ampliação e stio do Convento de N. Sr.ª da Piedade da Esperança da Cidade de Lisboa o qual mandou escrever a Abadeça Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620* (Iluminado 103 da B.N.L.), onde, no fólio 78, se afirma que «todas estas obras em varios treslados se tem divulgado por muitas pessoas». Se bem que as *Verdades do Tempo* e as *Máximas do Século* não figurem no inventário que a cronista aí faz das obras desta religiosa, podemos pensar que o mesmo aconteceu com os textos que agora se publicam.

<sup>3</sup> Se bem que nenhum destes manuscritos seja datado, sabe-se que Soror Maria do Céu produziu quase toda a sua obra entre 1676 (data em que professou, no Mosteiro da Esperança de Lisboa, com 18 anos de idade) e 1753 (ano da sua morte).

coincidente) que destes textos nos chegam, no Manuscrito da Livraria n.º 2122, fl. 66 a 68 do A.N.T.T. e no manuscrito 3141, fl. 31 a 36 da B.G.U.C..

Perante a divergência das duas lições apresentadas <sup>4</sup>, e colocados perante a necessidade de estabelecer o texto que nos parecesse mais próximo do original que desconhecemos, optámos pela lição apresentada pelo manuscrito do A.N.T.T., que considerámos como mais fiel a esse modelo, partindo de algumas pistas fornecidas pelo estudo comparativo de ambas as versões entre si e de cada uma delas com o seu paratexto e de que passamos a dar conta.

A letra das versões permite-nos concluir que o manuscrito da Torre do Tombo é anterior ao da B.G.U.C., apesar de ambos serem do século XVIII. Esta anterioridade, que poderá levar a supor uma maior proximidade do texto original, poderá também justificar a sua maior fidelidade, relativamente a esse modelo.

As *Verdades do Tempo* do Ms. do A.N.T.T. constituem um texto bem mais curto que o do Ms. da B.G.U.C.. Esta diversidade estrutural — inicialmente intrigante, se atendermos a que este último texto, apesar de ser mais tardio, nos apresentava uma versão aparentemente mais completa — é todavia esclarecida pela leitura dos fólhos do Ms. da Livraria do A.N.T.T., que se seguem a estas *Verdades do Tempo*. Aí se encontra um outro texto da Madre Maria do Céu, as *Máximas do século recolhidas em doze contos*, que corresponde exactamente à sequência do Ms. da B.G.U.C., que inicialmente tomáramos como mais completo. Todavia, este último Ms. da B.G.U.C. não termina por aí, prolongando-se ainda com mais seis máximas <sup>5</sup>, para além das que constituem a totalidade destes dois textos encontrados: *Verdades do Tempo e Máximas do Século*. Tal facto permite-nos supor que o Ms. da B.G.U.C., até pelo simples motivo de ser mais tardio, constitui uma espécie de síntese, não só destas duas obras citadas, que aí se apresentam como se constituíssem uma só <sup>6</sup>, mas também de algumas outras máximas de Soror Maria do Céu, que o tempo terá perdido, mas que provavelmente circularam entre a sociedade da altura e

<sup>4</sup> Só muito raramente a clivagem existente entre as duas versões nos coloca perante textos radicalmente diversos (veja-se a nota (IV), que acompanha a edição do texto em causa). Todavia, entre elas existem diferenças significativas, que passamos a enumerar, e que se prendem, antes de mais, com problemas de grafia, cuja repercussão se faz sentir a nível do sentido. Efectivamente, a lição do A.N.T.T. grafa sempre com maiúscula todos os substantivos de cada máxima ou verdade enunciada, concedendo deste modo uma maior atenção aos conceitos e referências sobre os quais se pretende esclarecer os homens, para além de ser esta uma forma pela qual o próprio texto constrói o seu efeito de verdade. Além deste aspecto, são de salientar algumas diferenças sistemáticas, verificadas ao nível da estrutura sintáctica: a forma assindética da versão do A.N.T.T. opõe-se, em grande parte dos casos, à estrutura de coordenação que, sem excepção, remata o terceiro membro de cada máxima («e more esquecimento», «e morre pena», «e acaba coroa», v.g.), no manuscrito da B.G.U.C.. Uma última chamada de atenção vai para o facto de se verificar, em *Verdades do Tempo* como nas *Máximas do Século*, uma inversão da ordem do texto. Assim, em *Verdades do Tempo* do manuscrito de Coimbra, a História da Esperança antecede a História da Fortuna, o mesmo acontecendo nas *Máximas do Século*, onde o Conto da Fama antecede o do Merecimento. Por último, é de assinalar, no manuscrito da B.G.U.C., a ausência sistemática do título objectal que, invariavelmente, antecede cada sentença, nos dois manuscritos da Torre do Tombo.

<sup>5</sup> A estrutura destes seis textos é em tudo semelhante à dos vinte e quatro textos que os antecedem, pelo que não se toma pertinente reivindicar para eles uma autoria diversa da dos anteriores. Tal facto pode levar-nos, isso sim, a suspeitar, na autora em questão, uma produção maior deste tipo de discurso, do que o que nos é dado conhecer hoje.

<sup>6</sup> Esta apresentação conjunta das duas obras como se fossem uma só não distorce o perfil essencial de cada uma delas, pois em nada altera o seu sentido ou a sua função. Aliás, em vários momentos desta apresentação, referimo-nos-lhes também conjuntamente, pois, tratando-se de textos sequenciais e submetidos à mesma construção e ao mesmo espírito de base, é natural e necessário que partilhem também dos mesmos parâmetros de avaliação. Aliás, uma análise atenta e conjunta das *Verdades do Tempo* e das *Máximas do Século* destaca uma existência de doze sentenças em cada um destes dois textos, o que de imediato os coloca numa situação de similaridade.

de que o copista terá recolhido (ou, quem sabe, por sua vez também copiado) algumas <sup>7</sup>. Por isso, e apesar de termos optado pela lição do Ms. da Torre do Tombo, acrescentaremos, também, em apenso, as seis máximas finais ocorrentes no Ms. da B.G.U.C., não só porque cada um destes microtextos evidencia grande qualidade literária — nesse aspecto confirmando o perfil literário de Soror Maria do Céu —, mas também porque importa divulgar a produção literária feminina conventual <sup>8</sup>, que permanece, até hoje, um enigma cultural <sup>9</sup> e, ainda, porque há que precisar — até quanto mais não seja por «acumulação» — este tipo de textos, para entender tanto a sua dimensão literária como a sua função, no contexto conventual em que foram produzidos.

Relativamente às *Verdades do Tempo*, importa levar em consideração que se trata de um texto que se faz acompanhar de uma carta, que a sua autora dirigiu à Marquesa de Marialva. Este paratexto torna-se peça fundamental, não só para que o texto adquira a sua total dimensão, como também para ajudar ao estabelecimento da versão mais adequada. De facto, a carta de Soror Maria do Céu surge como apresentação do texto, deste modo comandando toda a sua leitura: «Vossa Excelência pediu-me um livro; e desdenhando-me as Fábulas de Hizopo, lhe ofereço as verdades do tempo» <sup>10</sup>. Parece tratar-se de uma segunda resposta da Madre ao pedido da Marquesa, onde as *Verdades* assumem um papel de alternativa, relativamente às *Fábulas*

<sup>7</sup> O fl. 73 v. do já citado *Livro da Fundação...* refere, a propósito da vida de Santa Catarina Mártir, escrita por Soror Maria do Céu, que esta autora mistura «o Grave das máximas com o elegante do estillo, melhorando o ser das sentenças, com o adorno dos conceitos». Tal comentário da cronista constitui talvez a explicação para o sucesso e a aceitabilidade deste tipo de textos, no ambiente de corte.

<sup>8</sup> Essa divulgação é objecto da dissertação de Doutoramento que temos vindo a elaborar.

<sup>9</sup> Sobre o extenso material conventual que, na sequência da exclausuração ordenada por decreto de Joaquim António de Aguiar, em 1834, recolheu aos mais diversos arquivos, cartórios e bibliotecas distritais e nacionais, paira uma pesada interrogação, relativamente ao destino dado aos fundos dos mosteiros e conventos femininos. Explicação para essa omissão será, talvez, a diversidade da lei que obrigava à exclausuração imediata das Ordens masculinas, mas permitia à Ordens femininas que prolongassem a sua existência até à morte da última religiosa professa da comunidade. Este facto terá provocado uma maior dispersão do espólio feminino, que, por não dar entrada nos depósitos legais criados para o efeito, na imediata sequência da lei, se extraviou, nuns casos, ou terá sido vendido para sobrevivência das próprias freiras, noutros casos. As doações que alguns particulares têm feito, desde o início do século, a algumas bibliotecas e arquivos nacionais são prova de que terá sido provavelmente esse o destino de uma certa franja das produções literárias dos conventos femininos (basta pensar no *Apocalipse* do Lorvão, adquirido por Alexandre Herculano), uma vez que a documentação de natureza administrativa mais facilmente deu entrada em cartórios e arquivos.

<sup>10</sup> Por que razão terá D. Catarina recusado as *Fábulas* de Hizopo que a Madre lhe enviava? Ou, formulando de outro modo: De que estaria à espera a Marquesa de Marialva, ao pedir um livro a Soror Maria do Céu? Vários factores nos levam a crer que D. Catarina pretendia um texto da autoria de Soror Maria do Céu, que, juntando a humildade à intenção moralizadora, lhe terá enviado as *Fábulas* de Hizopo. De facto, a renovação, por parte da Marquesa, do pedido que haveria de dar origem, algum tempo depois, às *Máximas do Século*, leva-nos a pensar que era o estilo e a mensagem de Soror Maria do Céu que a corte desejava nessa altura (a carta que antecede as *Máximas do Século* alude ao sucesso das *Verdades do Tempo*, o que aponta claramente para uma larga circulação e recepção do mesmo texto, junto da sociedade da altura). De facto, se compararmos a natureza destas máximas com textos semelhantes de autores masculinos, que os séculos XVII e XVIII publicaram ou difundiram (veja-se por exemplo, o Ms. 377 [Sentenças de varios Autores], da B.P.B., com letra do século XVIII, que recolhe, ao longo dos seus 265 fólhos inumerados, sentenças do género: «Melhor he fazer bem que prometerlo», «Ninguem se deve ter por culpado, enquanto por sentença não o he», ou, por exemplo, as *Máximas e pensamentos*, do Códice B.2.20, na catalogação antiga, actual Cod. 278, fl. 56 v. da B.N.L., verificamos o quanto os textos de Soror Maria do Céu suavizam ou tomam de algum modo mais receptivos os conteúdos veiculados, pelo bunilamento literário do texto. Saliente-se ainda que este tipo de discurso fez fortuna, durante os séculos XVII e XVIII, sobretudo no âmbito da filosofia política — e sobretudo em Espanha, sendo raras as obras portuguesas conhecidas nesse domínio — tomando relativamente inovador o objectivo moral com que, neste caso, se apresenta.

anteriormente desdenhadas. Torna-se, por isso, necessário o estabelecimento de uma aproximação entre os dois textos em causa, pois o texto ausente impõe-se, de alguma forma, sobre o texto presente, determinando-lhe direcções de leitura.

Assim, as *Fábulas* de Hisopo, pequenas pequenas narrativas (na sua generalidade), de onde se extrai uma lição de moral, são substituídas pelas máximas ou sentenças que são as *Verdades do Tempo* (estas pressupostamente aceites por D. Catarina de Meneses, à falta de prova em contrário), retendo-se, daquela primeira proposta, a intenção declaradamente moralizadora<sup>11</sup>, que subjaz à relação destinatário/destinatário, neste caso traduzível na relação Madre/Marquesa ou convento/mundo (corte). Efectivamente, a fábula, apesar do horizonte popular que cobria e a que se destinava, exige um maior esforço de leitura, ao implicar a associação ficção/vida, do que a sentença, que, proferida «ex cathedra» (apesar do tópicos de humildade com que aqui se faz acompanhar: «dou a ler o que só devo estudar»), implica, por parte do seu leitor, uma descodificação imediata e clara, que o próprio tecido retórico toma mais convincente, ultrapassando em eficácia a própria moralidade. Através da manutenção de uma estrutura narrativa mínima, circunscrita à ideia de evolução, assistimos assim, nestes textos, à reiteração, tão obsessivamente barroca, de «nasce, cresce, morre» ou «nasce, vive, acaba», que veicula, nesta progressão disfórica, os ideais, tão entrosadamente sociais e espirituais nesta época, de efemeridade e de aniquilação do ser, decorrentes de uma leitura enganada do mundo<sup>12</sup>.

Mas a projecção interventiva deste texto, na sua preocupação com a virtude dos homens de corte (não percamos de vista que se trata de um texto oferecido à Marquesa de Marialva e pragmaticamente alicerçado em torno de certos códigos de honra, referências, virtudes e vícios sociais de classe: vaidade, beleza, fortuna, merecimento) não deve impedir a sua leitura como texto que serve duplamente o convento e o mundo. Neste ponto, e contrariamente às *Fábulas* de Hisopo, que almejavam a instrução dos homens, relativamente a comportamentos sociais, as *Verdades do Tempo* afirmam-se como texto de preocupação com a perfeição interior, que, exemplificando a precaridade da virtude social, apontam, progressivamente, para a virtude individual, confirmada na própria evolução que se sente latente das *Verdades do Tempo* para as *Máximas do Século* e até, embora sem qualquer alicerce cronológico a confirmar esta hipótese, para as seis máximas que encerram o manuscrito da B.G.U.C.: «O arrependimento nasceo auxilio, viveo virtude, e acabou exemplo», «A virtude nasce mortificação, vive desprezo, e acaba bemaventurança». Só assim se entende a remissão que para si mesma faz do texto a sua própria autora, ao dar a ler o que só deve estudar. Para além disso, note-se que estes pequenos textos apresentam, de forma condensada, a metodologia espiritual da altura, neste caso de raiz fortemente inaciana, pela proposta da mortificação, que Santo Inácio via como meio seguro de depuramento da vileza do homem.

A esta luz, quer as *Verdades do Tempo*, quer as *Máximas do Século*, exigem uma reavaliação da funcionalidade em que as encerra o género literário que as modela. No Ocidente moderno, remonta aos séculos XV e XVI o renovado interesse pelas colecções de Provérbios,

<sup>11</sup> Será necessário ponderar, neste texto, a possível «barroquização» da fábula, aqui reduzida apenas à sua moralidade.

Para além disso, algumas questões se colocam, relativamente a estas sentenças, substitutos das moralidades das *Fábulas*, que se nos apresentam sem a história, embora submetidas a um título que as intitula como tal: História da Vida, História da Esperança, etc.. Haveria um anteprojecto de escrita de umas *Fábulas*, de que soror Maria do Céu tivesse enviado apenas as conclusões ou moralidades? Ou, o que nos parece mais plausível, pelo menos para o caso das *Verdades do Tempo*, terá Soror Maria do Céu utilizado o conceito de história, no sentido de divisa alegórica ou emblema histórico, de tanta fortuna no Barroco?

<sup>12</sup> Se bem que este tópico do desengano tenha sido bastante glosado na literatura deste período, não esqueçamos a enorme fortuna que, desde as suas origens renascentistas, este filão tem conhecido na literatura portuguesa (basta pensar no expoente de expressão que lhe concedeu, muito mais tarde, por exemplo, o Decadentismo-Simbolismo). É este aliás um tópico que se encontra fortemente enraizado numa certa visão cristã da história.

Máximas e Ditados, justificadas pela corrente humanista, que deste modo manifestava a sua preocupação por todas as vertentes da vida humana. Desde sempre se surpreende, neste género, uma forte preocupação pedagógica, empenhada na descoberta e revelação da verdade e do bem e que estes textos de Soror Maria do Céu continuam, séculos mais tarde. E se a ironia se vislumbra, nas subtis apreciações que, na carta que antecede as *Verdades do Tempo*, se fazem à formação literária e cultural da Marquesa («Vossa Excelência, como melhor talento...») — que invertem, por instantes, a relação destinador/destinatário, pautada pela autoridade literária e moral do primeiro sobre o segundo — é clara, apesar de tudo, a força duplamente perlocutória que o paratexto concede ao seu texto, permitindo-lhe uma circulação intra e extra convento. Aliás, a estrutura discursiva destes textos assemelha-os a outros que a autora usou como síntese de amplos segmentos discursivos das suas obras em prosa e cujo público era, pelo menos numa primeira instância, essencialmente o das religiosas do seu Mosteiro. Veja-se, por exemplo, a sua obra *A Feniz Aparecida na Vida, Morte, Sepultura, & Milagres da Gloriosa S. Catarina Rainha de Alexandria, Virgem & Martyr, com sua Novena & Peregrinação ao Sinay*<sup>13</sup>. É este, aliás, também, um procedimento que em tudo se insere na malha ideológico-cultural de certa literatura de corte: basta ler, por exemplo, *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, onde o final dos diálogos apresenta, em síntese, um estilo sentencial, para verificarmos o quanto esta estrutura sintética funciona como meio eficaz de retenção de conteúdos. Tais constalações permitem-nos estabelecer uma aproximação entre literatura da corte e uma certa literatura convencional, pelo menos do ponto de vista das estratégias utilizadas.

No entanto, subjacente e necessário à criação de fábulas ou de máximas, para além da preocupação de ordem pedagógico-moral já referida, reside um certo empirismo, fundamental para a construção da sabedoria que estes textos são supostos difundirem. Como articular então, no caso concreto das *Máximas do Século* e das *Verdades do Tempo*, este empirismo com a separação que a vida conventual opera, na sua renúncia do mundo, entre este e a reclusão monástica? A resposta a este aparente paradoxo poder-se-á encontrar na reavaliação destes textos como veículos de uma espiritualidade conventual, no que esta pressupõe de progressiva libertação, relativamente às normas do mundo, e que constituía, de facto, o maior obstáculo, na caminhada para «Perfeita Religiosa»<sup>14</sup>, por que pugnaram, por esses tempos, algumas obras.

Finalmente, no caso do Ms. do A.N.T.T., a vinculação genérica das *Verdades* e das *Máximas* ao género narrativo que é a fábula, estabelecida pela adução de um título reiteradamente objectal<sup>15</sup>, que antecede cada uma delas (História da Vida, História do Valor,

<sup>13</sup> Obra publicada sob o pseudónimo de Marina Clemência, Religiosa de S. Francisco no Convento da Ilha de S. Miguel, Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1715.

<sup>14</sup> As relações entre o convento e o mundo são bem mais complexas e intensas do que o levaria a suspeitar a vertente contemplativa das religiosas. A sua condição de mulheres e de religiosas da altura é muitas vezes ultrapassada, pela necessidade de reger e administrar dinheiros, dotes e propriedades, actividades estas indispensáveis à sobrevivência dos conventos. Curiosamente, sendo cada Abadessado caracterizado por uma intensa actividade das Madres Escrivãs, estas multiplicaram os papéis de natureza administrativa e económica, deixando, no entanto, uma lacuna hoje dificilmente preenchida, no que diz respeito a aspectos da vida espiritual do convento, que algumas crónicas e biografias isoladas não chegam para clarificar. Aliás, relativamente às biografias destas mulheres de santidade, é necessário repensar a ideia, talvez para a desfazer, de que este tipo de textos conheceu uma produção vertiginosa, ao longo dos séculos XVII e XVIII. As ordens de grandeza deste tipo de literatura são efectivamente e flagrantemente menores, pelo menos no contexto português.

<sup>15</sup> Sobre esta terminologia, leia-se o que diz GENETTE, Gérard — *Seuils*, Paris, Éditions du Seuil, 1987, p. 74: «Or cette variante, disons plus lourdement ce type particulier de relation *sémantique* entre titre et texte, qui n'apparaît plus dans le livre (1981) de Hock, avait été fort bien repérée par cet auteur dans son article de 1973, et j'avoue ne pas percevoir les raisons de cet abandon muet. Hock, donc, distinguait autrefois, sur le plan qu'il appelle justement *sématique*, deux classes de titres: les «*subjectaux*», qui désignent le «*sujet du texte*», comme *Madame Bovary*, et les «*objectaux*», qui «*réfèrent au texte lui-même*» ou «*désignent le texte en tant qu'objet*», comme *Poemes saturniens*».

etc., Conto da Prudencia, Conto do merecimento, Conto da Paciencia, etc.), justificou a nossa opção por esta lição, pela construção de uma coerência que, deste modo, se estabeleceria entre a proposta das *Fábulas* e a criação das *Máximas* e que, de outra forma, não se manifestaria. De facto, a estrutura narrativa das *Verdades* e das *Máximas* a que já atrás nos referimos ressalta com mais evidência neste manuscrito, permitindo-nos entender quer as *Verdades do Tempo* quer as *Máximas do Século* como sínteses ou interpretações de uma outra história, a que só se tem acesso de uma forma necessariamente oblíqua: a vida social do seu tempo. Pode, deste modo, suspeitar-se que a indicação das *Fábulas* à Marquesa era uma proposta intencional e orientada de leitura, que visava a remissão da obra para o ambiente social da altura, com vista a um refazer de atitudes e de percursos <sup>16</sup>.

Convém ainda referir os critérios que presidiram à edição deste texto. Pareceu-nos que, atendendo a que se tratava de um texto manuscrito (ele próprio já com oscilações, a nível da ortografia, conforme se trate da versão encontrada na B.G.U.C. ou no A.N.T.T., facto aliás bastante corrente na época, em que, para uma mesma palavra, se encontram, no mesmo texto, divergências gráficas...) e a que, no capítulo das reformas ortográficas, a História nos tem ensinado que não há critérios definitivos, no que concerne aos sistemas ortográficos, era preferível manter, dentro do possível, a versão fornecida pela cópia manuscrita que possuímos. Deste modo, o texto aparece a público na sua versão original, sem que, com isso, se corra o risco de diminuir o seu horizonte de leitura, uma vez que as fronteiras da legibilidade acabam por variar, em muito curtos espaços de tempo.

Constatando que entre as lições fornecidas pelos dois manuscritos se verificam variações, a nível lexical, estrutural e semântico, registá-la-emos, em nota de rodapé, sempre que essas oscilações permitam entrever um outro texto (quem sabe o original...), ou avaliar da difusão mais ou menos alargada que o mesmo texto possa ter tido.

Conscientes de que qualquer leitura ou interpretação dos textos é necessariamente, apenas, uma aproximação a redes de sentido profundas e complexamente estruturadas, resta-nos apenas apresentar os textos em questão, para que o seu conhecimento e a sua circulação cumpram o papel de reconstituir ou suspeitar meandros de uma História sempre necessariamente fragmentada.

Isabel Morujão

Bolseira do I.N.I.C.

---

<sup>16</sup> As diversas cópias que, com toda a probabilidade, foram feitas desta carta-livro de Soror Maria do Céu à Marquesa de Marialva são de algum modo indicadores interessantes das práticas de leitura em sociedade, na sua relação com os objectos lidos. É óbvio, no caso destas *Verdades do Tempo* e das *Máximas do Século*, que a produção literária de Soror Maria do Céu não foi objecto de uma prática de leitura individual e privada, pois o paratexto das *Máximas do Século* assim o admite: «Querer o Século solicitar com *Máximas* o que soube conseguir com *Verdades do Tempo*...». Tratar-se-ia de um processo inerente à produção literária conventual, que justificasse com a fama de santidade de suas produtoras o alargamento do horizonte de leitura?

Resta-nos supor o que o público leitor reteve da utilização que fez destas máximas. Da história das maneiras de ler e dos objectos lidos, sabemos apenas que, para o caso concreto dos textos que agora nos preocupam, a segunda proposta de leitura feita pela Madre, ao substituir as *Fábulas* de Hisopo — que a Marquesa visivelmente não conseguiu ler — pelas *Verdades do Tempo*, deve ter conseguido os objectivos iniciais da sua autora.

VARIA

Manuscrito da Livraria, n.º 2122, fl. 66 a 68 do A.N.T.T.

Verdades do Tempo Escritas em doze Historias Pela Madre Maria do Ceo, offerecidas A Ex.ma Senhora Marqueza de Marialva D. Catherina Gonsalves de Menezes. Depois da Autora lhe haver mandado as Fabulas de Hizopo, que a dita Senhora desdenhou.

Ex.ma S.ª

V. Ex.ª pedio-me hum livro, e desdenhandome as Fabulas de Hizopo, lhe offereço as Verdades do Tempo, que conhecendo-se como fermoza, as podia ter descuidadas, mas como discreta as ha de ter advertidas, eu dou a ler, o q. só devo estudar, V. Ex.ª, como melhor luz, já terá aprendido antes de ler.

(Sem assinatutra)

VERDADES do TEMPO

1ª História da Vida

A Vida nasce ao que foy, vive ao que será, morre do que he.

2ª Historia do Engano

O Engano nasceo com todos, viveo com m.tos, e não acabou comsigo.

3ª Historia da Vaydade

A Vaydade nasceo Fumo, viveo Ar, acabou nada.

4ª Historia da Beleza

A Beleza nasceo Luz, viveo Fogo, acabou Cinza.

5ª Historia do Amor

O Amor nasceo Loucura, viveo Engano, acabou Mentira.

6ª Historia da Ingratidão

A Ingratidão nasceo Monstro, viveo Pedra, acabou Ruyna.

7ª Historia da Fortuna

A Forma nasceo a quem a não quiz, viveo a quem a fugio, e morreo a quem a buscou.

8ª Historia da Esperança

A Esperança nasceo Dezejo, vive Receyo, e acabou Desengano.

9ª Historia do descuido (sic)

O Descuido nasceo Ingratidão, viveo Lethargo, acaba Arrependimento. (I)

10ª Historia da Alegria

A Alegria nasce hum Alento, vive huma Respiração, morre hum Suspiro. (II)

11ª Historia do Mundo

O Mundo fez-se Desterro, fazem-no Patria, desfarse-ha Perigo.

12ª Historia do Desengano

O Desengano nasceo Dor, viveo Remedio, durou Saudade.

FIM

NOTAS:

(I) O confronto com a lição da B.G.U.C. permite confirmar a gralha que se regista no manuscrito do A.N.T.T., onde se escreveu «descuido» por «descuido».

(II) «A alegria nasceo alento, vive respiração, e morre suspiro» é a versão que se encontra no manuscrito da B.G.U.C..

**Maximas do Seculo Repetidas em doze Contos.  
Pela mesma Autora**

Querer o Seculo solicitar com Maximas, o que soube conseguir com verdades o Tempo, maes que empenho do merecimento, parece pertença da Curiozidade; Tem porem o abono, em que a Perola tendo a principal influencia na Lua, não goza menos quilates que o ouro, que tem por aggente o Sol. Então seraõ Maximas quando breve suplemento a tanta Historia lhe concede V. Ex<sup>a</sup>, o mesmo agrado; pois nem eu terei maes q. pertender no emporio das Muzas, nem ellas q. conseguir no domicilio das Graças.

1.<sup>o</sup>

Conto da Auzencia

A Auzencia nasce Dor, vive Soledade, morre Esquecimento. (III)

2.<sup>o</sup>

Conto da Saudade

A Saudade nasce Auzencia, vive Lembrança, morre Martirio. (IV)

3.<sup>o</sup>

Conto da Prudencia

A Prudencia nasce Cautella, vive Segurança, e acaba Respeito: (V)

4.<sup>o</sup>

Conto do Merecimento

O Merecimento nasce sem Ventura, vive sem Amparo, e acaba sem Premio.

5.<sup>o</sup>

Conto da Fama

A Fama nasceo Idolo de vento, viveo gostoza Vaydade, e acabou credulo Engano. (VI)

6.<sup>o</sup>

Conto da Paciencia

A Paciencia nasce tentação, vive Triunfo, acaba Coroa.

7.<sup>o</sup>

Conto do Odio

O Odio nasce (no Entendimento, digo nasce) Relampago, vive Trovaõ e acaba Rayo. (VII)

8.<sup>o</sup>

Conto do Cuidado

O Cuidado nasce no entendimento, vive na Memoria, morre na Vontade.

9.<sup>o</sup>

Conto do Zello

O Zello nasce Desconfiança, vive Receyo, acaba Tormento.

10.<sup>o</sup>

Conto do Amor

O Amor nasce Dezejo, vive Agrado, morre Interece.

11.<sup>o</sup>

Conto do Tempo

O Tempo nasce Ouro, vive Prata, acaba Barro.

12.<sup>o</sup>

Conto de Desengano

O Desengano nasceo Auxillio, viveo Virtude, acabou Exemplo.



**Máximas finais que ocorrem no manuscrito da B.G.U.C.  
e que não se repetem no manuscrito da Livraria do A.N.T.T.:**

- O valor nasce brio, vive perigo, e morre precipício.
- A sabedoria nasce applauzo, vive inveja, e morre desterro.
- A ambição nasce dezascego, vive hidropezia, e morre miséria.
- A Magestade nasce purpura, vive flor, e acaba mortalha.
- A virtude nasce mortificação, vive desprezo, e acaba bemaventurança.
- A morte nasce temor, vive arrependimento, e morre vida.(VI)

**NOTAS:**

(III) «A auzencia nasce pranto, vive soledade, e morre esquecimento» é a versão que nos é apresentada no manuscrito da B.G.U.C..

(IV) «A soledade nasce auzencia, vive lembrança, e morre pena», no manuscrito da B.G.U.C..

(V) A B.G.U.C. regista o seguinte: «A cautella nasce prudencia, vive segurança, e acaba conveniencia.»

(VI) A oscilação das duas lições é flagrante, nesta máxima, podendo levar a supor que outra ou outras versões coexistiram na altura. De facto, embora a ideia de base permaneça intacta, a sua força expressiva é radicalmente diversa. Confronte-se, por isso, a máxima transcrita acima com a seguinte versão da B.G.U.C.: «A fama nasce idolo do vento, vive deidade do mundo, e acaba ludíbrio do fado».

(VII) A correcção efectuada pelo copista («digo nasce Relampago») atesta uma considerável difusão destas máximas, uma vez que é óbvio que o erro que se corrige decorreu do facto do copista ter saltado duas linhas e ter lido o que se encontrava registado no Conto do Cuidado. Comprova-se assim que este texto não é a fixação de uma transmissão oral e de cor, mas a transcrição de outro texto escrito, que não é, evidentemente, o que esteve na base da cópia encontrada no manuscrito da B.G.U.C..

(VIII) Este conjunto de seis máximas, ausente, como se disse, da versão do A.N.T.T., constitui um todo digno de interesse, pela forma como inverte a ordem tópica dos elementos de euforia e disforia. Aqui, a subversão final dessa ordem, nas últimas máximas, concede ao texto uma coerência interna curiosa, veiculando assim o texto uma mensagem espiritual inequívoca, aliás perfeitamente enquadrada no espírito da altura. A morte, entendida como desprezo do mundo e despojamento do próprio ser, é a via única de alcançar a vida em Cristo, sem O qual as coisas gravitam fora da sua essência. É a esta luz que se deve entender «A morte nasce temor, vive arrependimento, e morre vida».

